

## Expectativas do Mercado

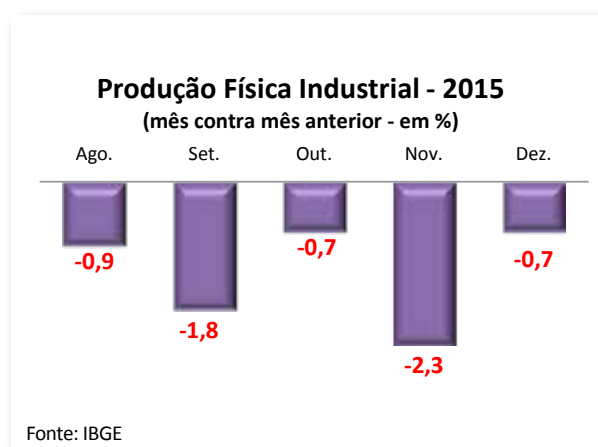
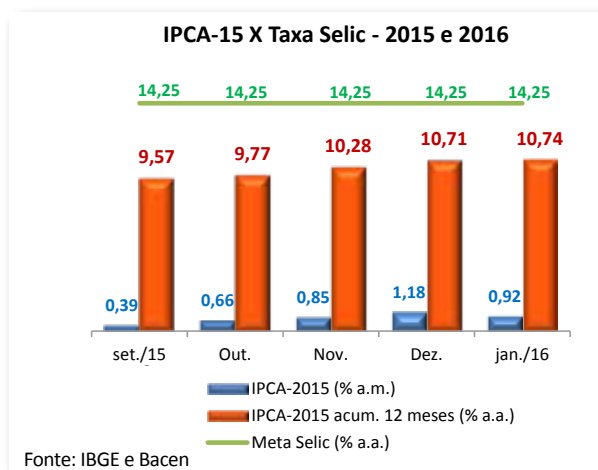
Segundo dados divulgados pelo Departamento do Comércio dos Estados Unidos, o Produto Interno Bruto (PIB) do país cresceu 2,4% em 2015. Este crescimento foi puxado pela aceleração dos gastos residenciais fixos (+8,7%) e gastos dos consumidores (+3,1%). No sentido oposto, a elevação de 1,1% das exportações, o crescimento de 5% das importações e a queda de 0,3% dos gastos do governo frearam a alta do PIB. A desaceleração da China e a queda do preço do petróleo devem continuar prejudicando a recuperação da economia dos Estados Unidos, o que pode fazer com que o Banco Central do país (Federal Reserve) seja mais cauteloso na elevação dos juros por lá.

O PIB da Zona do Euro (ZE), por sua vez, cresceu 0,3% no quarto trimestre de 2015, fechando o ano com alta de 1,5%. O Índice de Gerentes de Compras Composto (PMI, do inglês Purchasing Managers' Index), que mede o desempenho das empresas da indústria e de serviços, ficou em 53,6 pontos contra os 54,3 pontos de dezembro de 2015 (PMI acima de 50 pontos representa expansão e, abaixo, retração). O corte dos preços registrados não foi suficiente para alavancar o setor de serviços, cujo PMI atingiu nova mínima de 53,6 pontos

Dados oficiais da China confirmam que o PIB do país cresceu "apenas" 6,9% em 2015; valor este sendo o mais baixo desde 1990. O setor de serviços foi responsável por 50,5% do PIB no ano passado, seguindo tendência de crescimento registrada ao longo dos últimos 20 anos. O resultado atende à proposta da China de depender menos das exportações e da indústria e mais dos serviços e do consumo interno.

No Brasil, o governo anunciou corte de R\$ 23,5 bilhões no orçamento deste ano, com o objetivo de reduzir o déficit público e atingir a meta de superavit primário, fixada em 0,5% do PIB (R\$ 30,5 bilhões).

As expectativas de agentes do mercado financeiro – Boletim Focus, do Banco Central do Brasil (BCB), de 19 de fevereiro de 2016 – são de que o PIB tenha fechado 2015 com queda de 3,8% e apresente retração também em 2016 (-3,3%). A inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), deverá baixar para 7,6% em 2016, mas, ainda assim, ficará acima do teto da meta (6,5%).



### Expectativas do mercado

	Unidade de Medida	2015	2016	2017	2018	2019	2020
PIB	% a.a. no ano	-3,8	-3,4	0,5	1,5	2,0	nd
IPCA	% a.a. no ano	10,67*	7,6	6,0	5,4	5,0	5,0
Taxa Selic	% a.a. em dez.	14,25*	14,25	12,63	11,50	11,00	11,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	3,90*	4,36	4,40	4,33	4,40	4,50

Fonte: Banco Central do Brasil – Boletim Focus (19/02/2016).

Nota: \* Dados consolidados/fechados.

Obs.: nd = não disponível.

Confira os últimos estudos/pesquisas da Unidade de Gestão Estratégica (UGE):

- Os donos de negócio no Brasil: análise por grau de informatização, faixa de renda e escolaridade;
- Índice de Confiança dos Pequenos Negócios – relatórios especiais por Unidade da Federação (UF).

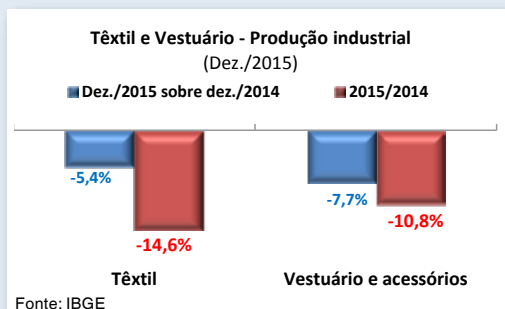
Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).

# Notícias Setoriais

## Comércio Varejista

**E**m dezembro de 2015, o volume de vendas do comércio varejista recuou 2,7% sobre o mês anterior, enquanto a receita nominal registrou queda de 1,9%, feito o ajuste sazonal. No acumulado do ano passado, a retração no volume de vendas foi de 4,3%, quebrando um ciclo de crescimento de 11 anos. A receita nominal, por sua vez, registrou alta de 3,2% em 2015. Os segmentos de móveis e eletrodomésticos e de livros, jornais, revistas e papelaria foram os que mais impactaram negativamente o desempenho das vendas do varejo em 2015 (-14% e -10,9%, respectivamente). A situação tende a se agravar, com a perda do poder aquisitivo da população.

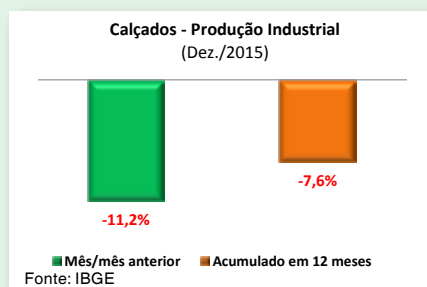
## Têxtil e Vestuário



**A** produção da indústria têxtil, em dezembro de 2015, registrou queda de 21% e a de vestuário e acessórios, de 18,4% sobre igual mês do ano anterior. No ano passado, a produção de têxteis acumulou retração de 14,6% e a de vestuários, de 10,8%. Em janeiro de 2016, as exportações de vestuário e acessórios caíram 15,6% frente às do mesmo mês de 2014, e as importações, 42,5%. Como as importações neste segmento superaram as exportações em 23 vezes, a balança comercial fechou janeiro de 2016 com um saldo negativo de US\$ 154,7 milhões. Apesar da queda das importações, elas ainda são bem representativas e provocam o acirramento da concorrência.

## Calçados

**E**m dezembro de 2015, a produção brasileira de calçados apresentou retração de 11,2% sobre o mesmo mês de 2014 e acumulou, no ano passado, queda de 7,6%. O saldo da balança comercial do setor, no primeiro mês de 2016, foi de US\$ 31,3 milhões, com as exportações atingindo US\$ 69,3 milhões, valor 4% abaixo do registrado em igual mês de 2014, apesar do câmbio mais favorável. Os Estados Unidos continuaram como principal destino, respondendo por 22% do total exportado, em dólares, mas foi a França que absorveu a maior quantidade de pares de calçados (21,8% do total). A indústria calçadista, que exporta cerca de 15% de sua produção, tende a continuar registrando queda, em face da atual crise econômica.

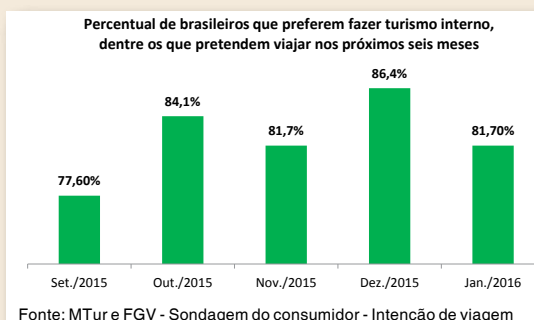


## Móveis

**A** fabricação de móveis registrou queda de 19,2%, em dezembro passado, sobre igual mês do ano anterior, e acumulou retração de 14,2% em 2015. Como o cenário econômico mantém-se desfavorável a investimentos, em função das elevadas taxas de juros e restrições ao crédito, entre outros fatores, é esperado que as vendas internas continuem a apresentar pouco dinamismo nos próximos meses. O setor também continua apresentando resultados negativos no mercado externo, tendo registrado, em janeiro deste ano, déficit de US\$ 16,8 milhões na balança comercial. No entanto, espera-se aumento das exportações, favorecidas pela desvalorização cambial, o que pode minimizar o impacto da retração do setor no mercado doméstico.

## Turismo

**S**egundo a "Sondagem do consumidor: intenção de viagem", do Ministério do Turismo (MTur) de janeiro de 2016, do total de brasileiros que pretende viajar nos próximos seis meses, 81,7% desejam visitar destinos turísticos nacionais – a maior intenção registrada para o mês de janeiro, nos últimos cinco anos (em janeiro de 2015, eram 73,6%). A desvalorização cambial, certamente, tem sido o principal fator motivador desse resultado. O percentual de turistas interessados em usar o avião (50,8%) ainda é maior dos que pretendem utilizar o automóvel (38,8%) como meio de transporte. A região Nordeste deverá ser a mais procurada, detendo a preferência de 49,4% desses brasileiros, seguida pelas regiões Sudeste (21,3%) e Sul (17,5%).



# Artigo do mês

## A evolução das mulheres no mercado de trabalho – II

Paulo Jorge de Paiva Fonseca

Economista e analista da UGE do Sebrae Nacional

Dando continuidade à análise da evolução das mulheres no mercado de trabalho, com base no estudo “Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras nas Micro e Pequenas Empresas 2014-2015”, elaborado pelo Sebrae em parceria com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), pode-se constatar ainda que as Micro e Pequenas Empresas (MPE) empregam 60% mais mulheres do que as Médias e Grandes Empresas (MGE). Além disso, a quantidade de mulheres trabalhadoras nas MPE quase que dobrou de 2003 a 2013, tendo registrado aumento de 94%, enquanto a de homens, empregados nesses mesmos estabelecimentos, subiu bem menos (62%). Isso fez com que a participação das mulheres no total de empregos formais nas MPE também aumentasse, passando de 37,4% (2003) para 41,7% (2013). Como consequência, a participação dos homens nesse total, que era de 62,5% em 2003, diminuiu para 58,3% em 2013.

A distribuição das mulheres trabalhadoras, por setor da economia, é similar à das mulheres empreendedoras, com o comércio concentrando a maior parte das trabalhadoras formais do país (43%), enquanto 38% delas trabalham no setor de serviços, 17,4% na indústria e apenas 1,6% na construção civil.

Distribuição das mulheres trabalhadoras nas MPE, por setor (2013)



Fonte: Anuário das Mulheres Empreendedoras e Trabalhadoras em Micro e Pequenas Empresas - 2014-2015

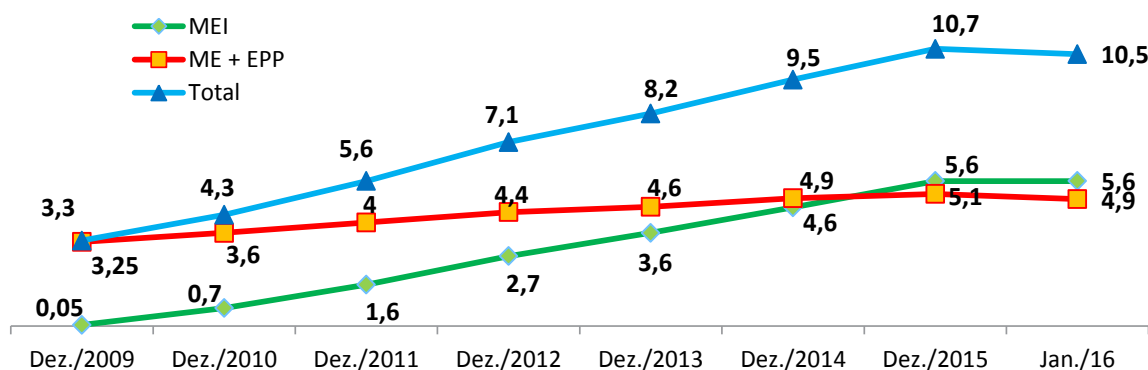
As mulheres trabalhadoras, a exemplo do que ocorre com as empreendedoras, também são mais escolarizadas do que os homens. Enquanto 53,2% dos homens que trabalham nas MPE têm Ensino Médio completo ou Superior incompleto, 63,2% das mulheres trabalhadoras, desse nicho de empresas, possuem o mesmo nível de escolaridade. Além disso, 11,2% delas têm nível superior completo, sendo que apenas 6,1% dos homens detêm este nível.

Em geral, as mulheres que trabalham nas MPE também são mais jovens do que os homens: 73% delas têm entre 18 e 39 anos, contra 67,4% dos homens que estão nessa mesma faixa etária.

O estudo está disponível no portal do Sebrae. Para acessá-lo, clique [aqui](#).

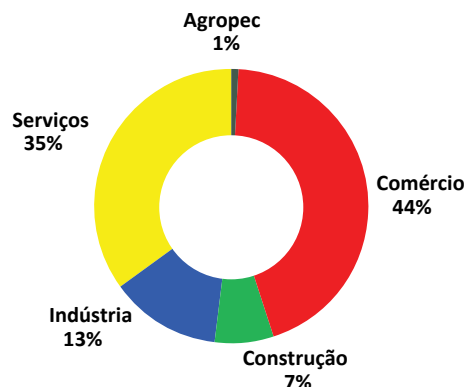
# Pequenos Negócios no Brasil

## Evolução dos optantes pelo Simples Nacional (em milhões)

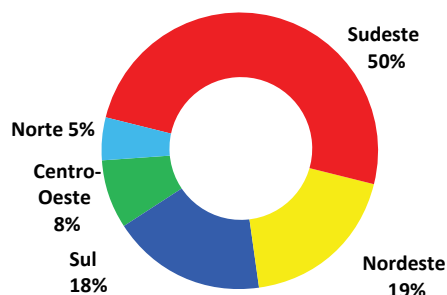


Fonte: RFB

## Concentração por Setor



## Concentração por Região



Fonte: Secretaria da Receita Federal - Dezembro/2015.

## Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos pequenos negócios no(a):	Ano	Participação (%)	Fonte
PIB brasileiro	2011	27,0	Sebrae/FGV
Número de empresas exportadoras	2014	59,4	Funcex
Valor das exportações	2014	0,82	Funcex
Massa de salários das empresas	2013	41,4	Rais
Total de empregos com carteira	2013	52,1	Rais
Total de empresas privadas	2015	98,2	Sebrae
Outros dados sobre os pequenos negócios	Ano	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	Pnad/IBGE
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	Pnad/IBGE
Empregados com carteira assinada	2013	17,0 milhões	Rais
Remuneração média real nas MPE	2013	R\$ 1.485,00	Rais
Massa de salário real dos empregados nas MPE	2013	R\$ 24,4 bilhões	Rais
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2014	US\$ 2 bilhões	Funcex
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2014	US\$ 179,4 mil	Funcex

**Obs.:**

- 1. Microempreendedor Individual (MEI):** receita bruta anual de até R\$ 60 mil.
- 2. Microempresa (ME):** receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.
- 3. Empresa de Pequeno Porte (EPP):** receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.